

# A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDER E ENSINAR

Prof. Ms. José Carlos da Silveira<sup>11</sup>

Prof<sup>a</sup> Ms. Marise da Silveira<sup>12</sup>

Prof<sup>a</sup> Ms. Tânia Mara Cassel Trott<sup>13</sup>

A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria afinal, gente deseducada para a vida (SANTOS, 1988, p. 26).

## Resumo:

A pesquisa escolar no Ensino Fundamental constitui vasto campo de possibilidades do aprender e do ensinar. Estudantes e professores necessitam rever suas posturas frente ao ato da pesquisa na escola da Educação Básica. Frequentemente associada ao ato da cópia, tornou-se instrumento pedagógico sem

---

<sup>11</sup> Professor - Colégio de Aplicação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Mestre em Educação, UFSC  
e-mail: [prof.josecarlos@hotmail.com](mailto:prof.josecarlos@hotmail.com)

<sup>12</sup> Professora - Colégio de Aplicação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Doutoranda em História, UFRGS  
e-mail: [mar\\_silver@hotmail.com](mailto:mar_silver@hotmail.com)

<sup>13</sup> Professora - Colégio de Aplicação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Mestre em Literatura, UFSC  
e-mail: [taniatrott@yahoo.com.br](mailto:taniatrott@yahoo.com.br)

significados, servindo, quando muito, para “melhorar” a nota no contexto das avaliações. Tem-se observado uma mudança nesta postura, onde a tarefa de pesquisar está sendo vista com destaque na formação do estudante crítico, reflexivo e autor. Tal mudança, mais centrada na postura do professor, ainda não atingiu significativamente o segmento discente. Com esta preocupação, reunimos algumas reflexões desenvolvidas ao longo de nossa trajetória profissional, associando o trabalho de campo - através da prática do estudo do meio, e a prática pedagógica da pesquisa orientada, na tentativa de dar respostas e/ou criar novas indagações em torno desta problemática. Tendo como pano de fundo a educação pela pesquisa, discutimos o prazer de pesquisar e de desenvolver no ambiente escolar um espaço de construção interdisciplinar e preocupação com a realidade social.

**Palavras-chave:** Educação pela Pesquisa; Estudo do Meio; Autoria

**Abstract:**

Classroom research secondary school is a broad field within which learning and teaching possibilities occur. Students and learners need to revisit their approaches in face of the act of researching inside schooling context. Often associated to the act of copying and pasting, research has become a meaningless pedagogical tool that is used, at most, to “improve” grades in assessment contexts. There have been changes in this position in as much as that research task is been viewed as a high point in the development of the reflexive, authoring and critical learner. Such change, more centred in the teacher’s positioning, has not attracted the pupils meaningfully yet. With this in mind, we have collected and summed up some reflections developed along our professional life and linked these reflections to field work – through the praxis of studying the environment and the praxis of guiding pedagogical research - in an attempt to provide answers to and/or to create new questionings around this issue. Having as background the idea of education by means of research, we discuss the pleasure of doing research and developing, inside school environment, some room for interdisciplinary co-construction as well as for the concern with social reality.

**Key words:** Education by means of research; Environment study; authorship

Abrir um espaço de diálogo em torno das múltiplas possibilidades do trabalho com a pesquisa orientada, no âmbito do ensino básico, na perspectiva de uma educação/iniciação científica é o nosso propósito. A partir da compreensão da escola enquanto ambiente de pesquisa e produção do conhecimento, ou seja, do pensar e fazer pedagógico, alargamos o sentido do seu papel educativo, para além do simples repasse de conteúdo e memorização. Resgatando a epígrafe que abre este artigo, Milton Santos nos chama atenção sobre o papel da educação, na perspectiva de “formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo”. Esta tarefa afirmada pelo autor como “cada vez menos buscada” nos leva a refletir sobre como a escola repensa o seu compromisso com a formação de crianças, jovens e adultos.

Partindo da necessidade de repensar a prática pedagógica da escola, é que nos desafiamos a encontrar possibilidades no campo do ensino que permitisse, por mão dupla, nosso repensar enquanto profissionais ao mesmo tempo, encontrar caminhos que apontassem para a formação de jovens situados no mundo e socialmente comprometidos.

Inicialmente os procuramos através do “Estudo do Meio” para que os problemas que enfrentávamos no cotidiano escolar, tais como a apatia do grupo discente em relação a algumas temáticas que lhes era muito distante da sua realidade, fossem resolvidos. Procurávamos também investir em um trabalho que aproximasse mais os diversos campos do saber numa proposta interdisciplinar conectada com a realidade. Perguntávamos então, naquele momento de “inquietação pedagógica”, qual seria a contribuição do “Estudo do Meio” para fomentar o conhecimento do estudante no processo de ensino e aprendizagem, bem como qual seria a contribuição desta proposta na formação do aluno pesquisador, crítico e sujeito da sua história?

A metodologia do Estudo do Meio tem sua origem nas escolas anarquistas fundadas no Brasil no início do século XX. Pensada a partir da pedagogia de Ferrer<sup>14</sup>, propiciava aos educandos o “contato com o meio — um espaço a ser estudado —, [e desta forma] pudessem refletir sobre sua dinâmica (relações sociais, desigualdades, injustiças, etc.) e que tivessem condições de apresentar propostas visando à transformação da sociedade” (COZZA; SANTOS, 2004). Foi nesta perspectiva que procuramos buscar nesta metodologia, elementos que nos possibilitassem o repensar da prática no cotidiano escolar. Situar o estudante como “aluno-pesquisador” foi fundamental para que apresentasse uma postura autônoma e de autoria em contraposição às costumeiras pesquisas escolares, em geral, constituídas por cópias de textos, sem o mínimo de reflexão e crítica. Neste repensar de papéis, também o professor necessita redimensionar sua prática. De acordo com Demo (1996, p. 02),

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como *princípio científico e educativo* e a tenha como atitude cotidiana. Não é o caso de fazer dele um pesquisador “profissional”, sobretudo na educação básica, já que não cultiva em si, mas como instrumento principal do

---

<sup>14</sup> O espanhol Francisco Ferrer Guardia (1859-1909) foi um apaixonado defensor da liberdade. Sofreu influência dos pensadores anarquistas, de Godwin a Kropótkin, passando por Bakunin e pelos socialistas utópicos. Herdou do racionalismo iluminista a esperança de construir um mundo sem superstição e dogmas, e do positivismo, o reconhecimento da importância da ciência no mundo contemporâneo. À diferença do reformismo e do individualismo da escola renovada, Ferrer pode ser considerado um revolucionário ao destacar o papel social da escola no projeto mais amplo das transformações políticas e ao se dedicar à incansável militância, o que de resto provocou a repulsa de setores reacionários, que culminou com seu fuzilamento. Criticava a atuação do Estado e da Igreja na educação e, para implantar suas ideias, fundou a Escola Moderna de Barcelona, na qual gostava de receber ricos e pobres (cobrava conforme as posses de seus alunos), vindos de famílias das mais diversas ideologias. Ao contrário das demais tendências anti-autoritárias, Ferrer defendia que a atuação do professor fosse mais efetiva nos primeiros anos, para só depois se tornar menos diretiva. Diante do desafio da formação do corpo docente, fundou uma escola para orientar quanto aos novos métodos e conteúdos e montou a biblioteca da escola com livros especialmente escritos, traduzidos e adaptados (ARANHA, 1996, p. 183).

processo educativo. Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa. Decorre, pois, a necessidade de mudar a definição do professor como perito em aula, já que a aula que apenas ensina a copiar é absoluta imperícia.

Alguns aspectos da metodologia de Ferrer, tais como a preocupação com as questões da dinâmica social aliada a uma perspectiva de pensar a construção de uma outra sociedade, nos possibilitou entender a proposta do Estudo do Meio como caminho viável no desenvolvimento do aluno-pesquisador, já no Ensino Fundamental.

O Estudo do Meio nem sempre carregou este caráter crítico e conectado com a necessidade da transformação social. Com o advento da Escola Nova<sup>15</sup>, Cozza e Santos (2004), nos esclarecem que a proposta da metodologia em questão foi modificada com vistas a adaptação do aluno ao meio. Vemos aí uma inversão violenta à proposta anarquista. Grande parte dos educadores terão contato com a ideia do “Estudo do Meio”, a partir do pensamento escolanovista, portanto num outro contexto político-pedagógico.

Quando optamos pelo caminho pedagógico em questão, obviamente não pensamos na perspectiva da “adaptação ao meio” proposto

---

<sup>15</sup> A Escola Nova é um dos nomes dados a um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. No Brasil, as ideias da Escola Nova foram introduzidas já em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). No século XX, vários educadores se destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Podemos mencionar Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971), grandes humanistas e nomes importantes de nossa história pedagógica.

pelos escolanovistas, mas como metodologia que possibilita problematizar a realidade.

É importante salientar que a ideia de “meio”, é compreendida por nós num sentido mais amplo que um local geograficamente definido. Neste sentido, entendemos que a escala de ação do trabalho é algo a ser definida a partir das necessidades e condições do ambiente escolar: a rua da escola, o bairro onde mora o estudante, a praia mais próxima, o assentamento agrícola, o centro da cidade, o museu, os monumentos e tantos outros, configuram-se como espaços, por excelência, para a prática da pesquisa.

Como poderíamos definir “pesquisa de campo”? Prática pedagógica desenvolvida desde a educação infantil até a pós-graduação, e que nem sempre é devidamente refletida, sobre seu significado e eficácia na aprendizagem, por parte dos profissionais que se utilizam dela para o desenvolvimento do seu trabalho – os professores. Conhecida na educação básica como “passeios de estudos” ou “viagem de estudos”, principalmente na educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, tem nos cursos de graduação e pós-graduação o uso corrente a expressão “trabalho de campo” ou “saídas de campo”. Independente da denominação dada percebe-se ser a mesma atividade, porém aplicada a níveis de ensino diferenciados.

A prática da pesquisa de campo é compreendida, em geral, como uma atividade que “representa uma possibilidade concreta de contato direto entre pesquisador e realidade estudada, o que permite a apreensão de aspectos dificilmente vislumbrados através somente do trabalho em [sala de aula]” (CRUZ, 1997, p. 93). Tal expressão quando utilizada no Ensino Fundamental, nosso ponto de interesse, também deve ser entendida com este significado, porém, como já nos referimos, marcada por especificidades inerentes ao nível de escolaridade, já que tem objetivos de formação

específicos e trabalha com um grupo discente com características particulares. Como afirma Demo (1996, p. 10),

Tanto o doutor, quanto a criança na educação infantil praticam o mesmo espírito, embora os resultados concretos sejam muito distintos. A distinção não está em que um é sofisticado, outro é preliminar, mas em que cada estágio se realiza dentro de seu horizonte próprio. Tanto o doutor pode realizar uma pesquisa preliminar (malfeita, incipiente, inacabada), quanto a criança pode surpreender com extrema sofisticação (superdotada, particularmente motivada, genial).

Conforme as reflexões apontadas por Cruz (1997), destacamos que a pesquisa de campo, não só no ensino superior como também na educação básica constitui atividade essencial na formação dos estudantes, considerando-se o caráter dinâmico da realidade. Muitas produções teóricas, como os livros didáticos, são rapidamente superadas, pois não conseguem acompanhar o intenso movimento das mudanças sociais, políticas, econômicas, ambientais, etc. A referida autora destaca ainda que “a visão que sem tem de um dado fenômeno ou espaço estudado é sempre carregada de uma certa carga de subjetividade, fruto do contexto sócio-cultural, histórico, econômico, político, religioso em que se insere o observador”, desta forma poder analisar pessoalmente tal aspecto da realidade possibilita a produção de um novo olhar; a produção de uma nova reflexão.

Considerando que o fazer da pesquisa de campo se dá sobre porções do real, vislumbramos a necessidade do olhar interdisciplinar para que esta determinada realidade possa ser compreendida de forma mais abrangente possível. De acordo com Santomé (1998, p. 55) “uma disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de

concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão. Daí que cada disciplina nos oferece uma imagem particular da realidade, isto é, daquela parte que entra no ângulo de seu objetivo”.

Desta forma, a opção pelo trabalho interdisciplinar, independentemente do nível escolar discente, possibilita ao estudante elementos que o auxiliam para a compreensão do mundo que o cerca sem o olhar tão setorizado, mas reflexivo e crítico. Não estamos negando a eficácia, para determinados trabalhos, da análise particular de uma disciplina ou ciência, antes, mostramos a necessidade de ampliar o olhar para melhor conhecer. Para Santomé (1998, p. 44), a “complexidade do mundo e da cultura atual leva a desentranhar os problemas com múltiplas lentes, tantas como as áreas do conhecimento existentes”. Associado a esta compreensão do trabalho de campo, é de fundamental importância resgatar a concepção de pesquisa que estamos trabalhando.

Levando-se em conta que temos como proposta a formação, no Ensino Fundamental, de uma “educação para a pesquisa”, buscamos como afirma Bagno (1998, p. 17), “passar em revista o conceito [...] de pesquisa”. Explorando esta ideia, o autor em sua análise resgata a origem latina do termo, *perquiro*, que “significava procurar; buscar com cuidado; procurar por toda a parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca”. Bagno chama atenção para o fato de que “os significados desse verbo em latim insistem na ideia de uma busca feita com *cuidado* e *profundidade*”, situação, a nosso ver, bem diferente do que ocorre nas escolas, onde os “trabalhos de pesquisa” apelam para a superficialidade, muitas vezes centrados na cópia, sem qualquer preocupação ética com a produção acadêmica dos autores e com a produção do conhecimento.



Desta forma, associando a perspectiva interdisciplinar e tendo como fio condutor a prática da pesquisa de campo, na perspectiva do Estudo do Meio, e o estímulo ao exercício da autoria, encontramos os elementos necessários para o desenvolvimento da prática pedagógica em discussão.

Quando referimo-nos a autoria, é importante compreender que,

Entre tomar nota de um texto e saber fazer um texto, está claro que precisamos impulsionar principalmente a segunda instância, sem descartar a primeira. A importância está na necessidade crucial que a formação da competência tem de capacidade de formulação e elaboração própria. [...] esta dinâmica avança ainda mais quando se trata de saber fazer e refazer um texto, passando-se de leitor a autor. Aparecendo a elaboração própria, torna-se visível o saber pensar e o aprender a aprender (DEMO, 1996, p. 24).

Desta forma, segundo o autor,

Muito raramente conseguimos produzir conhecimento realmente novo; o comum dos mortais reconstrói, partindo do que já existe e vigora; a originalidade que se espera não é aquela da obra de arte irrepetível, mas aquela do toque pessoal, da digestão própria, da elaboração específica; conhecimento não é qualquer coisa, nem é coisa inatingível. (DEMO, 1996, p. 26).

Mais que “passeios de estudos”, que denotam certa desatenção para com a pesquisa e o conhecimento crítico, as atividades de campo, além dos objetivos relacionados aos conteúdos dos muitos saberes envolvidos, procuram estimular e fixar nos educandos uma postura de comprometimento com a produção do conhecimento. O olhar que lançamos para cenários

geográficos, históricos e culturais construídos há séculos atrás, ou das relações do presente, merece ser, no mínimo, respeitoso, sem nos preocuparmos em julgar um passado que não vivemos com os nossos valores de hoje, mas, senti-lo dentro de um momento histórico e assim, através da pesquisa atenta possibilitar a aprendizagem.

### **Luz, câmera, ação e muito chão: entre teoria e prática**

A proposta interdisciplinar em questão é desenvolvida junto às 8<sup>as</sup> séries do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Definimos como objetivo geral do trabalho em questão, a preocupação em propor um olhar diferenciado sobre o trabalho na sala de aula, como ambiente de pesquisa e construção do conhecimento, sintonizado com as múltiplas questões da realidade que cercam os alunos, na perspectiva da formação de uma consciência crítica e cidadã.

Desta forma, para encaminharmos as investigações de campo, inicialmente propomos o eixo central que articula as propostas de pesquisas. Durante os anos de execução da proposta, trabalhamos em torno das mudanças e permanência provocadas pelo processo de colonização no território brasileiro.

Definido o eixo central, estruturamos os trabalhos de campo e conseqüentes pesquisas em três momentos distintos, conforme apresentado pelo quadro que segue.

Período	Tema	Local	Objetivo Geral
1º Trimestre	A posse da terra no Brasil: mudanças e permanências.	Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): União da Vitória e Vitória da Conquista no município de Fraiburgo (SC).	Analisar a problemática da posse da terra no Brasil.
2º Trimestre	O espaço colonial brasileiro: mudanças e permanências.	Cidades históricas de Minas Gerais: Tiradentes, Ouro Preto, São João Del Rey, Mariana, Congonhas do Campo e Belo Horizonte.	Investigar a dinâmica colonial do século XVIII na construção e organização do espaço geográfico brasileiro
3º Trimestre	As fortalezas da Ilha de Santa Catarina.	Fortalezas da Ilha de Santa Catarina (Ilhas de Anhatomirim e Ratonés)	Compreender o papel das fortalezas na estruturação do sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina no século XVIII.

Quadro 1 - Propostas de pesquisa de campo

Na busca do trabalho interdisciplinar, a pesquisa acontece a partir de um encadeamento de ações tanto no âmbito da escola como fora dela. Na escola criamos diversos momentos que passamos a denominar de fase pré-campo, onde professores e estudantes debatem questões relacionadas à

temática central na perspectiva de subsidiar o trabalho externo e o mais importante, compreender o fenômeno em estudo.

Assim, sugerimos a leitura do romance *Geração do Deserto*, do autor catarinense Guido Wilmar Sassi. Tal escolha se deu em função da proposta da primeira etapa do projeto que tem como objetivo investigar a problemática da posse da terra no Brasil. Nesta obra, elementos importantes foram identificados e debatidos. O homem e a sua condição social, a leitura como resgate da função social e histórica do homem em seu meio num determinado tempo e lugar.

À medida que os alunos leem a obra, semanalmente, são definidos encontros para que, a partir de sugestões dos alunos, possam ler e discutir algum capítulo, episódio, curiosidade, personagem ou questionamento veiculado ao romance. Durante esses encontros também é construído, as três turmas em conjunto<sup>16</sup>, um painel com recortes de artigos sobre a Guerra do Contestado, mapas localizando os locais dos conflitos, fotos dos principais personagens da guerra, depoimentos de parentes vivos... e exposto por entre as salas socializa as informações com todos.

Aquecidos pelas leituras, pesquisas e discussões os alunos partem para a produção textual em que podem criar uma notícia, editorial, depoimento, crônica, carta opinativa, reportagem ou artigo sobre a revolta contada por Guido.

Ao passo que a disciplina de Língua Portuguesa desenvolve as atividades anteriormente relatadas, o professor de História, contextualiza questões em torno do conflito. Na disciplina de Geografia, discute-se

---

<sup>16</sup> No Colégio de Aplicação da UFSC existem três turmas de 8as. Séries.

aspectos conceituais e teóricos fundamentais para esta fase do projeto, tais como, latifúndio, minifúndio, estrutura agrária, movimentos sociais ligados ao campo, dentre outros.

Na segunda etapa do projeto, que teve como eixo temático “Brasil colonial e a exploração do ouro”, lançamos mão de diferentes linguagens para abordar o assunto. Num primeiro momento a leitura do romance de Ivan Jaf, *O vampiro que descobriu o Brasil*. Trata-se de um relato da trajetória de Antônio, um pobre português que vem ao Brasil, escondido nas caravelas de Cabral em busca de sua imortalidade, visto que havia sido mordido por um vampiro que para cá também deslocou-se às escondidas. O relato transcorre desde o descobrimento do Brasil, passa por vários momentos do período colonial, dentre eles o período da exploração do ouro e avança até a construção de Brasília. São quinhentos anos em que o vampiro observa de forma muito cômica as transformações políticas, sociais e até tecnológicas de um país recém instaurado.

Analisamos e lemos fragmentos de “Livros de Viagens” desde os antigos relatos aos contemporâneos, livros estes garimpados entre professores, alunos e pais de alunos para que um universo maior de títulos fosse possível.

Assistimos ao filme *Xica da Silva*, proposto pelas disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Língua Portuguesa e após discussão, os alunos tecem comentários a respeito da história assistida. Apontam hábitos da época, relações entre autoridades, corrupção, contrabandos, tratamento com escravos, casarios, vestuários, cotidiano e costumes.

Realizamos ainda a leitura e dramatização de trechos do poema narrativo *Romanceiro da Inconfidência* da poetisa mineira Cecília Meireles, cuja temática remete o leitor à época da Inconfidência Mineira. A autora

recria a atmosfera de Vila Rica dos Inconfidentes, associando verdade histórica, tradições, lendas e rivalidades ao mesmo tempo em que faz a defesa dos oprimidos. O leitor é levado a refletir sobre os fatos revividos.

Destacamos ainda, no que refere aos momentos pré-campo, que contamos com a presença de pesquisadores em áreas diversas para tratar de questões pertinentes às pesquisas. Desta forma o projeto em questão apresentou aos jovens pesquisadores, aqueles que estão mais avançados e que podem trazer contribuições ao andamento das nossas propostas<sup>17</sup>.

O que fazer com tudo isso? Parece necessário pensar sobre o processo de avaliação neste contexto. Diferente dos cursos de nível superior, o propósito do trabalho de campo, quando pensado para a educação básica, não visa formar o especialista num dado ponto da ciência. Aí reside, a nosso ver, a grande diferença. O educando do ensino básico – seja da educação infantil, do ensino fundamental ou médio – está “treinando” seu olhar para a compreensão do mundo em que vive, neste sentido ele não busca uma especialização. Desta forma, é que pensamos a “avaliação interdisciplinar”.

---

<sup>17</sup> Assim é que criamos uma oficina de imagem, onde os alunos repensam o uso da máquina fotográfica e do vídeo. Algumas preocupações como o que e como escolher a melhor imagem e qual a sua contribuição para a pesquisa possibilitou alunos e professores repensarem sobre como fotografar e gravar uma imagem, voltadas à pesquisa. Outros profissionais são chamados para colaborar neste aquecimento pré-campo, como a arquiteta Maria Elisabeth Pereira Rego e os professores de Arte do Colégio de Aplicação, que trabalham com os professores e alunos a história e as características do Barroco no Brasil. A presença do historiador Jô Klanovicz, possibilita uma discussão em torno da cidade de Fraiburgo, abordando aspectos sócio-históricos sobre sua formação. Destacamos ainda a presença do professor Paulo Machado Pinheiro, professor e pesquisador do curso de História da UFSC, que contribui com discussões acerca da guerra do Contestado, bem como de representantes do MST, debatendo o ponto de vista do movimento sobre a questão da distribuição da terra em nosso país.

Para a primeira etapa do projeto solicitamos a produção de um jornal, em outro ano a de uma revista<sup>18</sup>, onde as questões debatidas, experimentadas, fotografadas, possam ser reunidas de forma interdisciplinar, chamando a atenção dos alunos sobre a necessidade do exercício de “esquecerem” as disciplinas e tentarem pensá-las no conjunto das discussões tratadas. Para a segunda etapa a proposta é colocada num nível maior de ousadia pedagógica. Solicita-se aos Grupos de Trabalho<sup>19</sup> a produção de um livro<sup>20</sup>. Igualmente a proposta do jornal e da revista, o livro e o videoclipe procuram o exercício interdisciplinar. Tanto numa modalidade como em outra os alunos são orientados acerca da organização mínima exigida para a confecção de um material como este. Além destas atividades que dizem respeito a todas as disciplinas envolvidas, outras avaliações são desenvolvidas. Após a projeção de um filme, como “Xica da Silva”, a produção textual envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Sociologia e Geografia, após um debate, permite reunir informações fundamentais para o entendimento do contexto do Brasil colonial. Exposições de fotografias, confecções de cartazes, dramatização de poesias, são algumas avaliações, normalmente organizadas por aproximação das áreas do conhecimento.

---

<sup>18</sup> Para o ano de 2007 os alunos produziram ensaios conforme seus objetos de pesquisa, que foram em 2008 reunidos e publicados numa revista especial do Projeto, denominada Caderno de Ensaio, editado pela Editora da UFSC. Destacamos também a produção de Banners com o propósito de socialização das pesquisas realizadas.

<sup>19</sup> Desde o início do ano letivo os alunos são organizados em Grupos de Trabalho (GTs). Esta estruturação dos grupos é de responsabilidade dos alunos. Chamamos atenção do grupo discente de que este GT irá trabalhar durante o ano inteiro, daí a necessidade deles pensarem na composição considerando afinidades, tempos livres, interesses, etc. Nos casos em que se faz necessário a presença da coordenação do projeto para a definição de um GT procuramos conversar com o grupo e expor a necessidade da solidariedade neste tipo de dinâmica da organização escolar.

<sup>20</sup> Para o ano de 2007 foi proposta a criação de um videoclipe.

## Resultados alcançados ou refletindo sobre o fazer pedagógico

Esta atividade proporcionou o desenvolvimento de diferentes conhecimentos e aprendizagens. Refletir sobre o fazer pedagógico é tarefa do educador comprometido com uma educação de qualidade, que aponte para a construção do sujeito que pensa e é capaz de intervir qualitativamente sobre o ambiente em que vive.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e das atividades de ensino inerentes a ela, pudemos avaliar como a instituição escola, que pelas suas características seria um ambiente marcado pelo trabalho coletivo, se caracteriza pela solidão.

O tempo escolar – horários das disciplinas num dado período, é fator preocupante numa abordagem que necessita transgredir para sobreviver. A organização dos horários na escola obedece a uma lógica individualista. Cada disciplina, com seu menor ou maior tempo, cria uma territorialidade difícil de ser superada. Numa perspectiva interdisciplinar, esta estrutura deve estar mais flexível, para que possamos ampliar o momento do debate e da reflexão.

A organização escolar, em diferentes disciplinas, reforça o trabalho solitário do professor, que preocupado com os conteúdos da ciência que é fiel escudeiro, das avaliações e recuperações de estudos, esquece que está inserido num contexto mais amplo, do qual é apenas uma parte.

Ao reunir os professores em torno de uma proposta pedagógica, centrada no compromisso de problematizar a realidade e assim despertar o potencial criativo dos alunos em torno da pesquisa, percebemos que esse era um caminho difícil, tortuoso mesmo, mas cheio de possibilidades.



Acreditamos que o trabalho coletivo interdisciplinar tenha sido um dos grandes aprendizados.

A realidade é multifacetada e conectada a contextos os mais diversos, desta forma tem espaço para todos neste caminhar. O planejamento do que, onde, como e quando fazer, torna-se uma preocupação de todos não de uma área específica do saber. Nesta perspectiva os alunos passam a pensar uma dada problemática com múltiplos olhares. Essa dinâmica aponta para a tarefa interdisciplinar da escola, tão debatida e desejada, mas contraditoriamente deixada para depois.

Retomar o significado de pesquisa com alunos e professores foi um exercício fundamental para os nossos propósitos. O buscar com *cuidado* e *profundidade*, trazido por Bagno (1998) foi fundamental para nos lembrar de que mesmo na educação básica, o estudante deve ter a preocupação em buscar o novo ou mesmo o novíssimo. As pesquisas escolares, mesmo não tendo o caráter dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos nos cursos de pós-graduação, podem ser instrumentos interessantes no desenvolvimento de habilidades relacionadas ao saber procurar, à reflexão e à produção textual.

O trabalho não está acabado, se faz ao caminhar.

## Referências:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BRASIL - Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1998.

COZZA, Márcia Marin Redua; SANTOS, Olga, Regina de André Gil. **A Interdisciplinaridade no Estudo do Meio**, 2004.

Disponível em <http://www.moderna.com.br/arariba/docs/geografia.pdf>, acessado em 20/01/2006, às 14h15.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Os caminhos da pesquisa de campo em geografia**. Revista Geousp, 1997, nº 1.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.